

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

Minha formação na Medicina UFSCar

Igor Eiky Inoue

São Carlos
2020

IGOR EIKY INOUE

Minha formação na Medicina UFSCar

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Coordenação do Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos como parte das exigências para obtenção do título de Médico (Lei 1.3270/16).

Orientadora: Prof^a Dr^a Amélia Trindade

São Carlos

2020

Inoue, Igor Eiky .
Minha Formação na Medicina UFSCAR / Igor Eiky Inoue.
— 2020.
15f.

Trabalho de Conclusão de Curso de Medicina –
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos 2020.

1. [1. Formação Médica. 2. Impressão Pessoal. 3. Medicina.
I. Inoue, Igor. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me incentivaram a continuar no curso e que valorizaram a pessoa que me tornei. Aos meus pais, ao meu irmão, que sempre me apoiaram, e aos meus amigos, com quem tive o privilégio de conviver todos esses anos, especialmente Caio, Camila, Kin, Rafa e Tati. Também ao Nissin, que virou um grande irmão e alguém que admiro muito, e à Ju, que sempre me apoiou e que foi muito importante para meu amadurecimento. Aos meus professores –em especial à Esther e ao Bento, a quem admiro muito, e à professora Amélia, que sempre me ajudou e me salvou algumas vezes– e preceptores, por terem ensinado tanto, com paciência e carinho, aos residentes, por terem sido compreensíveis e nos ensinado, mesmo no meio de suas rotinas extenuantes de trabalho, à todas as equipes que nos aceitaram de braços abertos, nos ajudaram quando não sabíamos o que fazer. Agradeço também a todas as pessoas que atendi, por terem me dado a chance de aprender e por terem feito parte da minha formação. A todas as pessoas cujos caminhos se cruzaram com o meu sou grato, pois esses contatos, mesmo que passageiros, foram significativos e deixam legados que formam a pessoa que me torno. Espero um dia poder expressar a gratidão que sinto a todos vocês, e espero que ainda se lembrem de mim, pois estarei presente sempre que precisarem. Mando saudades ao Ivan e ao Higor, e forças e energias positivas para a Helô.

RESUMO

O objetivo foi fazer uma narrativa sobre expectativas e reflexões, como foi no início da graduação na atividade “expectativas para o curso da Medicina UFSCar”, mas, agora, falo sobre um novo ciclo: a vida profissional como médico. Neste trabalho segui os moldes do Projeto Pedagógico do curso de Medicina da UFSCar e as divisões da espiral de ensino: primeiro ciclo, segundo ciclo, terceiro ciclo, eletivas e atividades extracurriculares. Para isso, contei com memoriais de eventos acontecidos durante a graduação, e a organização da escrita representa a forma como essas reflexões se passam em minha mente. Entro neste novo momento muito animado com o que ainda está por vir e grato por todas as experiências vividas, boas ou ruins, são o que são e foram importantes para quem eu sou

ABSTRACT

The goal was to make a narrative about expectations and reflections, as it was at the beginning of graduation in the activity "expectations for the course of UFSCar Medicine", but now I talk about a new cycle: professional life as a doctor. In this work I followed the molds of the Pedagogical Project of the Medicine course of UFSCar and the divisions of the teaching spiral: first cycle, second cycle, third cycle, electives and extracurricular activities. For this, I counted on memorials of events that happened during graduation, and the organization of writing represents how these reflections take place in my mind. I enter this new moment very excited about what is still to be seen and grateful for all the experiences lived, good or bad, are what they are and were important to who I am.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAAMPJ – Associação Atlética Acadêmica Moacir Peixoto Junior

AAAMU - Associação Atlética Acadêmica da Medicina UFSCar

LASM – Liga Acadêmica de Saúde Mental

PBL – Problem-based Learning

SUS – Sistema Único de Saúde

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

USF – Unidade de Saúde da Família

UBS – Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

Introdução	9
Primeiro Ciclo	10
Segundo Ciclo	12
Terceiro Ciclo	14
Eletivas e atividades extracurriculares.	16
Conclusão	17

Introdução

Mais uma vez, fazemos uma narrativa sobre expectativas e reflexões, como foi no início da graduação na atividade “expectativas para o curso da Medicina UFSCar”, mas, agora, falamos sobre um novo ciclo: a vida profissional como médicos, sendo impossível não contar como a trajetória do estudante através do currículo do curso construiu minha visão de nosso papel como profissionais da saúde e como pessoas também.

É uma atividade interessante, pois um momento de reflexão é sempre bem-vindo ao final/início de um ciclo, e são pensamentos que, como aprendemos bem durante nosso curso, sempre irão reaparecer, na espiral que rege não apenas o curso, mas nossas vidas em muitas dimensões.

Este trabalho seguirá os moldes do Projeto Político Pedagógico do curso de Medicina da UFSCar, com especial atenção para as reflexões do estudante acerca de temas considerados importantes no processo de formação do profissional médico e que se relacionem direta ou indiretamente com conceitos de saúde e doença e com componentes do cuidado. Para isso, contará também com memoriais de eventos acontecidos durante a graduação, e a organização dessa escrita representa, em partes, a forma como essas reflexões se passam em minha mente.

Primeiro Ciclo

Devo começar contando que nunca foi meu sonho fazer medicina, nunca considerei a possibilidade de ser aprovado no famigerado vestibular e acabei fazendo medicina mais por acaso que por qualquer outro motivo: meu pai me inscreveu, e eu me matriculei porque não tinha um plano de vida e resolvi experimentar (gostaria de salientar que apesar desse ingresso pouco usual, esforço e estudos sempre fizeram parte dos finais de semana e feriados – inclusive no dia do natal- durante meu terceiro ano do ensino médio. Foi difícil).

O primeiro ano provavelmente é o mais impactante, sair de uma bolha que era minha cidade natal para conhecer pessoas tão diversas, de vários estados diferentes, com histórias de vida mais improváveis que ficção, desconstruir conceitos antigos e construir novos, é realmente uma experiência incrível. Além disso, desde o início muitas expectativas se criam a respeito da medicina, formação, saúde e cuidado, e todo dia é uma aventura, com novas descobertas.

Dois atividades que marcaram muito o primeiro ano foram a discussão sobre o conceito de saúde, que me fez entender o quão abrangente ele pode ser, e a apresentação da história de vida dos meus colegas de turma, que me fizeram perceber a diversidade das trajetórias, como as pessoas enfrentam de formas diferentes situações semelhantes, a importância de ouvir o que as pessoas têm a dizer e como isso é essencial para entender quem são as pessoas que ajudamos, sejam pacientes, sejam amigos.

Estudamos o funcionamento do SUS: entendemos sua importância, suas potencialidades e seus defeitos. Depois disso, é impossível não esbarrar na discussão sobre direitos básicos e sobre como a organização da sociedade brasileira e do mundo globalizado atual falha, como tudo isso repercute no bem-estar social e no processo de saúde doença em sua forma mais ampla. O que se faz dentro do consultório é apenas uma parte do cuidado da saúde da população.

Iniciar o acompanhamento de famílias desde o primeiro ano foi bastante enriquecedor, ser inserido dentro de uma USF e sentir na pele a dinâmica de trabalho foi muito bom. Melhor ainda foi a sensação de que tínhamos potencial de ajudar as pessoas desde o primeiro ano. É até um pouco engraçado lembrar o quão pouco sabíamos sobre a prevenção primária e muito gostoso lembrar da sensação de descobrir suas potencialidades, algo que me fez adorar saúde da família e comunidade.

Além de todas as ideias e vivências diferentes, a metodologia ativa é outra novidade, cuja existência me era desconhecida até então. A princípio, achei ousada, interessante, divertida e difícil para se adaptar também. Por estimular a busca ativa por conhecimento, transmitia a mensagem de que era possível aprender praticamente qualquer coisa que quiséssemos, e na era digital, na era da informação, as potencialidades são infinitas, e para mim, que sempre me interessei pelos mais diversos temas, foi algo muito estimulador, e que parecia que ia gerar um crescimento pessoal muito grande. Acostumado com metodologias de ensino passivo, no entanto, foi também uma quebra muito grande com o que me era “normal”, e a necessidade de disciplina e organização foram desafios bastante intensos, afinal são dois atributos que, devo dizer, até hoje me faltam. O PBL me fazia querer ao mesmo tempo desistir e continuar no curso.

Principalmente por esses motivos, nos primeiros anos eu pensava muito em desistir do curso, mas não tinha um plano definido do que faria depois, era bastante jovem e queria experimentar de tudo: pensava em trocar de curso, talvez psicologia, astronomia, linguística, ou talvez só voltar para a metodologia passiva mesmo.

No segundo ano, me aproximei muito da saúde mental, principalmente por causa da LASM, mas, apesar de gostar da área, sempre senti que não era de psiquiatria o papel que eu gostaria de desempenhar, pois apesar de acolhedora, me parecia ao mesmo tempo distante. Com essa sensação, as férias de fim de ano do segundo ano foram o período em que cheguei mais próximo de sair do curso, desistiria e iria fazer psicologia.

Acabou não acontecendo.

Segundo Ciclo

Enquanto minha mente turbilhonava com questionamentos acerca de minha capacidade de proporcionar um cuidado adequado às pessoas (pois sabemos que é algo muito mais complexo do que qualquer um imaginava antes de entrar na faculdade; bom, pelo menos muito mais do que eu imaginava) e se eu iria ser feliz praticando medicina, se me sentiria satisfeito vivendo isso, o primeiro ciclo acabou, e eu me mantinha imóvel seguindo o fluxo do curso.

Os anos ímpares, de modo geral, são anos bastante diferentes, pois a dinâmica das atividades e a postura dos alunos sempre precisa mudar: no terceiro ano, começamos a ter muito mais atividades práticas, não podíamos faltar e tínhamos cada vez mais responsabilidades, e eu comecei a entender que agendar uma consulta com um paciente era um compromisso muito mais importante que ir a uma aula (o que foi um sofrimento, porque eu gostava de faltar em aulas).

Atendendo em UBSs de bairros diferentes, percebemos que na mesma cidade, as populações e as dinâmicas são muito diferentes em cada território, mas a dificuldade de acesso e o desconhecimento da população sobre seus direitos é universal. Uma frase que eu adoro dizer aos pacientes é “o (a) senhor(a) pode pegar esse remédio aqui no posto, de graça. Na verdade, de graça não né, é que já está pago com os impostos que o(a) senhor(a) pagou né”

Pode-se dizer que durante o segundo ciclo, todas as reflexões iniciadas no primeiro continuaram a se desenvolver.

Tivemos professores e preceptores muito bons nos acompanhando, na grande maioria das vezes colocando em prática o conceito da saúde ampliada no cuidado do paciente, nos dando o exemplo e deixando muito concreto aos nossos olhos as reflexões que até então pareciam teóricas e distantes. Percebi que o médico tem também uma atuação muito importante como educador da população, em muitos aspectos, mais que apenas o conceito estreito de doença.

Não queria citar nomes específicos, mas farei aqui uma exceção para citar algo que o professor Bento nos disse uma vez e que nunca saiu da minha cabeça, que devemos tentar nos despir de tudo que o paciente possa usar para nos julgar e que possa enfraquecer o vínculo e a confiança deste quando atendemos no SUS, porque essa pessoa não tem escolha, porque seremos nós os únicos prestadores de cuidado disponíveis, o paciente não tem a escolha de trocar de médico. Isso é algo que periodicamente me vem à mente, pois sendo eu uma pessoa que quer ter um estilo próprio - cabelo comprido, piercing, tatuagem-, será que deveria deixar de me expressar pela forma como me visto/trato meu corpo por preconceitos das pessoas que atendo? E, ao mesmo tempo, entendo que são heranças culturais e sociais daquela população, e que não é meu papel enquanto desempenho o cuidado médico questionar essas formas de pensamento. Esse é só mais um dos questionamentos que ainda não consegui responder de forma satisfatória – provavelmente por isso ainda não consigo me desvencilhar dessa questão.

O terceiro ciclo foi muito difícil, não apenas no componente acadêmico, mas pelas perdas que tivemos. A morte repentina e inesperada do Higor chocou a todos nós, foi uma época muito difícil, e, até então, eu nunca tinha entendido que pessoas jovens realmente podiam morrer, ainda mais pessoas próximas. Pouco tempo depois, tivemos a notícia da morte do Ivan também, que até hoje é difícil de aceitar.

Neste momento, eu gostaria que o Ivan também estivesse passando raiva escrevendo esse TCC conosco. Sentimos sua falta, Ivan.

Terceiro Ciclo

Inicia-se o ciclo final, em que o processo do “tornar-se” médico é mais palpável e mais próximo, e, assim, aumenta o senso de responsabilidade pelo cuidado do paciente, e o peso das decisões. Quando se entende as consequências que a palavra do médico pode ter, o peso da responsabilidade e o medo de errar nos atingem como uma pedra. Pensando nisso, encontrei um refúgio no embasamento robusto das recomendações: entendo agora que por isso a medicina é tão fortemente embasada em evidências, pois uma recomendação, uma prescrição, é uma responsabilidade muito grande para se carregar sozinho, e precisamos estar sobre ombros de gigantes, pelo bem dos pacientes e pelo nosso próprio também.

A curva de aprendizado no internato é muito grande, é prazeroso perceber que todos os estudos prévios não foram em vão, que a espiral funciona e vai continuar fazendo parte das nossas vidas até morrermos com a educação médica continuada

Salvo raras exceções, somos acompanhados por profissionais muito bons, principalmente nossos professores, e, ao mesmo tempo que é uma experiência de aprendizado incrível, estabelecemos um padrão de excelência muito alto, e fico ansioso quando penso que não serei um profissional tão bom quanto eles, que não conseguirei dar um cuidado tão bom quanto eles dão aos pacientes, e a questão é que esse é o nível de qualidade de assistência que a população merece. Sei que carregarei esse peso e essa ansiedade por pelo menos muitos anos, e agora só me resta estudar para tentar chegar a esse patamar, que é ao mesmo tempo estimulante e desesperador.

No começo do sexto ano, começou a pandemia do CoViD-19, e parecia que tudo era um sonho, dissociado da realidade. Sentir a cobrança e a insegurança da população foi muito pesado. O pânico, o medo, as fake News, o ódio, e lidar com tudo sendo “quase médico”, confuso tentando descobrir meu papel nesse momento de crise. Foi triste perceber que, naquele momento, não podia fazer muito, e só pude ajudar e empoderar

as pessoas mais próximas. Claro, já é algo importante, porém gostaria de ter feito mais. Caso haja outra crise, espero estar preparado para fazer muito por todos.

Agora, ao fim do curso, percebo que para mim é muito ruim viver em um ambiente permeado por insalubridade. No meio de tantas mazelas do cotidiano (crise climática, desmatamento, racismo, “LGBTQfobia”, ódio, insegurança, individualismo, entre muitos outros), viver em um ambiente de patologias, faz ainda pior para minha saúde mental e espiritual, e, por isso, acredito que tenho me afeiçoado cada vez mais pelas crianças, pela pediatria, e, dentro dela, pela puericultura. É um ambiente leve, divertido, e, mesmo o que dizem ser a pior parte da área, os pais, me faz bem. Acolher pais aflitos que se preocupam com os filhos e que são taxados muitas vezes de inconvenientes apenas pela sua ansiedade e ignorância é muito importante, e “empoderá-los” e educá-los em relação à saúde de seus filhos e de si mesmos, no meio desse processo, é um componente essencial do cuidado, e que, por sorte, me faz feliz também. Além disso, partindo da visão de que crianças podem ser folhas em branco, genuinamente puras, seria nosso dever protegê-las e zelar pelo seu cuidado e garantir a elas um mundo onde possam viver saudáveis, em um planeta diverso e cheio de riquezas naturais e humanas.

Percebo que o papel do médico na equipe e na sociedade não é só rosas, há muita cobrança, responsabilidade e cobrança também. A cultura do médico em um pedestal, um super-humano, foi construída pelos dois lados: pela população geral e pelos próprios médicos, e, apesar de estar sofrendo um processo de desconstrução, ainda enxergo que não há muito espaço para o médico errar, estar desatualizado, cansado demais. E entendo que as consequências de erros médicos são sérias, meu objetivo nesse parágrafo é compartilhar a ideia de que a medicina é uma carreira de muita cobrança, tanto dos pacientes, quanto da equipe, quanto com nós mesmos. Esta última, no meu caso, talvez seja a maior de todas elas.

Apesar disso e de outros aspectos que podem ser negativos, espero poder ajudar várias pessoas durante minha trajetória, disseminar saúde, felicidade, esperança, e guardar com carinho esses encontros passageiros com pessoas incríveis. Ser feliz sendo médico e sentir-me satisfeito e com um senso de propósito nessa passagem.

Eletivas e atividades extracurriculares

As eletivas tiveram um grande papel no meu amadurecimento, o contato com várias pessoas diferentes –da equipe dos hospitais, estudantes, professores, pacientes, a chance de conhecer um pouco da realidade em outros serviços de saúde, em outras cidades foi muito enriquecedor. Tenho muito carinho pelas eletivas pelas amizades que fiz, e pela oportunidade de ter morado com vários amigos diferentes, ter estreitados laços e criado novos, mesmo aqueles que foram passageiros, ainda guardo com muito afeto.

Das atividades extracurriculares, ligas e eventos, me lembravam que nem só de medicina vive o estudante de medicina, há tantas experiências diferentes às quais podemos nos dedicar, e se expor a elas é ao mesmo tempo relaxante e estimulante. Levo aprendizados dos mais diversos por ter participado delas.

Corpo são, mente sã, já diziam os antigos. Não poderia deixar de citar a atlética da medicina (AAAMU, que, posteriormente, se tornou AAAMPJ), que incentivava a prática de atividades físicas e a integração entre nós estudantes. As competições foram viagens muito divertidas e, sempre entre adversidades e conquistas, entram na minha memória para sempre.

Conclusão

Formo-me como médico, e agora tudo que tenho são desejos: de poder cuidar de quem gosto, de quem eu gosto gosta, e também de quem não gosto, pois todos que podem ser cuidados, devem ser cuidados. Espero ajudar a criar um mundo maravilhoso.

Durante o curso, tive muitas perguntas sem resposta, e sei que esse arsenal só tende a crescer. Fico na esperança de ser sempre crítico à tudo que vai ao meu alcance, aceitar o que não posso mudar e ter coragem de modificar o que estiver ao meu alcance.

O fim de um ciclo e o início de outro ao mesmo tempo que amedronta, também me anima. Num novo ciclo, ainda somos, de certa forma, folhas em branco, e podemos ser o que quisermos, e essa infinidade de possibilidades é especialmente estimulante. Entro nesse novo momento muito animado com o que ainda está por vir, e grato por todas as experiências que vivi, que não precisam ser boas ou ruins; são o que são, e foram importantes para quem sou.